

Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações

*Magali do Nascimento Cunha**

Resumo

Este estudo se detém na reflexão sobre dois movimentos cristãos contemporâneos, que marcaram a história do século XX – o movimento ecumênico e o movimento pentecostal –, buscando identificar suas aproximações e distanciamentos. Das vivências e experiências destes dois movimentos foram afirmados dois princípios cristãos, duas confissões de fé, duas tendências teológicas – o Ecumenismo e o Pentecostalismo – que, por sua vez, os nutrem e lhes dão sentido. O texto recupera os momentos ao longo da história dos dois movimentos em que estes princípios foram demarcados, revelando aproximações e divergências e expõe os desafios para o relacionamento entre igrejas pentecostais e tradicionais no que diz respeito ao fundamento da unidade cristã que lhe é comum.

Palavras-chave: ecumenismo; pentecostalismo; unidade cristã; movimentos cristãos; teologia.

Pentecostalism and the ecumenical movement: divergences and approximations

Abstract

This study focuses on the consideration of two contemporary Christian movements that have marked the history of the twentieth century – the ecumenical movement and the Pentecostal movement –, seeking to identify their similarities and differences. From the experiences and life of these two movements were affirmed two Christian principles, two confessions of faith, two theological tendencies – Ecumenism and Pentecostalism – which, in turn, nourish and give them meaning. The paper recovers the moments throughout the history of the two movements in which these principles were established revealing similarities and differences, and outlines the challenges for the relationship between traditional and Pentecostal churches with regard to the plea for Christian unity which is common.

Key-words: ecumenism; pentecostalism; christian Unity; christian Movements; theology.

* Doutora em Ciências da Comunicação e Mestre em Memória Social e Movimento. Jornalista e professora da Universidade Metodista de São Paulo. Membro do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas representando a Igreja Metodista no Brasil e as igrejas-membro da América Latina. E-mail: magali.cunha@metodista.br .

Pentecostalismo y movimiento ecuménico: divergencias y acercamientos

Resumen

Este estudio se centra en la consideración de dos movimientos contemporáneos cristianos que han marcado la historia del siglo XX – el movimiento ecuménico y el movimiento pentecostal –, tratando de identificar sus semejanzas y diferencias. De las experiencias y la vida de estos dos movimientos se afirmaron dos principios cristianos, dos confesiones de fe, dos tendencias teológicas – el Ecumenismo y el Pentecostalismo – que, a su vez, les nutren y dan sentido. El documento recupera los momentos a lo largo de la historia de los dos movimientos en los que estos principios se establecieron similitudes y diferencias que revela, y destaca los desafíos de la relación entre las iglesias tradicionales y pentecostales en relación con el motivo de la unidad cristiana que es común.

Palabras clave: ecumenismo; pentecostalismo; unidad cristiana; movimientos cristianos; teología.

Introdução

A história da Igreja, desde os seus primórdios, vem sendo marcada pelo surgimento de movimentos que transformam realidades e apontam novos caminhos para o Cristianismo. Alguns menores, outros maiores, iniciativas de grupos cristãos diversos fizeram história durante os mais de vinte séculos depois do próprio movimento de Jesus de Nazaré que os originou. Neste estudo, vamos nos deter na reflexão sobre dois movimentos cristãos contemporâneos, que marcaram a história do século XX – o movimento ecumênico e o movimento pentecostal –, buscando identificar suas aproximações e distanciamentos.

Das vivências e experiências destes dois movimentos foram afirmados dois princípios cristãos, duas confissões de fé, duas tendências teológicas – o Ecumenismo e o Pentecostalismo – que, por sua vez, os nutrem e lhes dão sentido. Portanto, antes de adentrarmos nesta reflexão, é necessária uma abordagem preliminar que delimite o caminho que estamos percorrendo. O que se pode afirmar do movimento ecumênico e do movimento pentecostal e o que se pode afirmar dos princípios que deles são derivados e os nutrem.

O movimento ecumênico e o Ecumenismo

O movimento ecumênico tem origens no movimento missionário protestante iniciado no século XVII e que se consolida no século XIX. Missionários participantes deste processo de expansão do cristianismo especialmente pela África, pela Ásia e pela Oceania, tomaram consciência dos efeitos negativos do divisionismo das igrejas sobre a propagação do Evangelho. Entenderam essas divisões como um escândalo para aqueles que recebiam a mensagem

cristã. Foi no século XIX que esses missionários e pessoas e grupos simpatizantes da causa missionária, como jovens protestantes e suas organizações, sociedades bíblicas e associações confessionais, passaram a trabalhar por inserir o tema da unidade cristã na prática da missão e descobrir caminhos de cooperação e atuação conjunta entre cristãos.

A premissa desta causa baseava-se na oração de Jesus “Que todos sejam um para que o mundo creia” (Jo 17.21) e a primeira grande expressão dela foi a realização da Conferência Missionária Internacional realizada na cidade de Edimburgo (Escócia), em 1910, que reuniu cerca de 1.500 representantes de todas as sociedades missionárias relacionadas ao mundo protestante (até então Europa e Estados Unidos). Esta conferência é um marco na consolidação das ações pela unidade entre cristãos e cristãs, e foi significativamente recordada em 2010 por grupos no mundo inteiro, no centenário de sua realização.

A experiência dos missionários em busca de diálogo e cooperação para um testemunho coerente da mensagem do Evangelho, alimentada por experiências das pessoas e grupos simpatizantes que já buscavam praticar ações de unidade, foi motivadora e promotora de outros movimentos com o mesmo sentido. A busca de um, então denominado, “cristianismo prático”, com o valor da unidade cristã no serviço em prol da paz e da vida acima de qualquer divisão doutrinária, foi uma destas frentes (Movimento Vida e Ação), bem como os esforços pelo diálogo teológico ao encontro de bases doutrinárias comuns entre os cristãos e compreensão das que promovem divisão (Movimento Fé e Ordem). Deste processo, nasceu, em 1948, o Conselho Mundial de Igrejas, a maior expressão do movimento de visibilidade da unidade cristã, herdeiro destas três principais frentes de ação cristã conjunta, mas também muitas outras organizações, associações e agremiações de cristãos espalhados por todos os continentes.¹

Havia um eixo comum em todos estes esforços e frentes, que os configurava num movimento único: a busca de renovação na vida das Igrejas, enfatizando a necessidade de superação das divisões que marcam sua história para a realização da unidade do corpo de Cristo, com toda a sua diversidade. A este movimento foi dado o nome “ecumênico”, relacionando à palavra grega *oikoumene*, ou *ecumene*, na versão latinizada, que significa “casa comum”, ou “toda a terra habitada”. Esta iniciativa foi fundamentalmente protestante; mais tarde, há a adesão das Igrejas Ortodoxas e um tempo de mais de meio

¹ Sobre as origens do movimento ecumênico e do Conselho Mundial de Igrejas, e a história de cada uma das iniciativas que lhe deram forma e geraram as tantas expressões do movimento por unidade cristã, há várias obras. Entre elas, destacamos: *Introducing the World Council of Churches* (ELDERN, 1992) e *Dicionário do Movimento Ecumênico* (LOSSKY, 2005). Dois artigos de minha autoria sintetizam o assunto: *Festa e Revisão de Caminhos em pauta. A propósito dos 100 anos do movimento ecumênico* (CUNHA, 2010a) e *Religião e Paz. Contribuições do movimento ecumênico à superação da violência e da construção da paz com justiça* (CUNHA, 2010b).

século até que a Igreja Católica Romana abraçasse a causa, ainda com muitas limitações.

É desta construção histórica que é afirmado o princípio, a confissão de fé e a teologia denominada Ecumenismo. Usamos aqui o termo “afirmar” porque não há a criação de um elemento novo. Novo é o movimento; o princípio, de acordo com quem refletia sobre a causa ecumênica, vem do desejo de Deus, em Cristo, da unidade, do diálogo, do entendimento. Ecumenismo, portanto, é o termo que se refere ao princípio bíblico-teológico da unidade da criação de Deus que chama ao valor ao outro e à diversidade (Gn 2.18) e resulta em aceitação, respeito, diálogo, responsabilidade com a criação, parceria, amor ao outro (Dt 10.19). É um princípio cristão de superação das divisões em nome da fidelidade à unidade do Pai com o Filho (Jo 17.21). O princípio é resultante da herança judaico-cristã, mas a terminologia é “recente”. Segundo Julio de Santa Ana (1987), o primeiro registro do uso do termo remonta ao século XVII.

É possível afirmar, portanto, que o movimento ecumênico é resultado do princípio da *oikoumene*, do projeto de Deus para toda a terra habitada, e deve se pautar por ele, concretizando-o, e não o contrário disso. E como é movimento, estão implícitas nele características como diversidade de expressões, dinamismo e permanente transformação.

Importa, pois, delimitar que se trabalhamos com a compreensão de que Ecumenismo é um projeto de Deus, um princípio cristão, um mandato missionário, tal qual os escritos bíblicos nos apresentam, temos claro que o que chamamos de movimento ecumênico, com todas as suas vertentes e expressões, é o resultado dos esforços de concretização desse princípio ao longo da história. Desta forma, não podemos condicionar a solidez do princípio aos rumos, avanços, fracassos e contradições contabilizados pelo movimento. O princípio ecumênico é muito maior do que o movimento ecumênico tal como o conhecemos (CUNHA, 2009).

O movimento pentecostal e o Pentecostalismo

O movimento pentecostal nasce no século XX no rastro dos movimentos avivalistas nos Estados Unidos, realidade desde o século XVIII, naquele país.² Origina-se do ministério de Charles Parham, pelos anos 1900-1901,

² Os movimentos de avivamento ou “revivals” começaram em Northampton em 1734, liderados por Jonatham Edwards (pastor congregacional) como uma reação à ênfase racionalista que influencia as igrejas nos EUA no século XVIII, resultante do Iluminismo. Os movimentos avivalistas mantinham base calvinista, com peso na soberania de Deus, mas também, em função da influência arminiana, na necessidade de conversão instantânea e de reorganização da vida em busca da perfeição necessária à salvação. Davam ênfase na incapacidade humana de alcançar, por si própria, a satisfação da justiça divina. Edwards

que havia deixado a Igreja Metodista para defender uma compreensão teológica particular: a necessidade de uma terceira bênção, além da conversão e da santificação, o batismo com o Espírito Santo por meio da glossolalia (a experiência de falar em línguas estranhas). Parham funda a Escola Bíblica Betel, em Kansas (Texas) para disseminar sua compreensão baseada na leitura dos Atos dos Apóstolos, capítulo 2. Suas ideias foram também difundidas por meio do periódico quinzenal que passou a publicar, *Apostolic Faith* (Fé Apostólica), trabalhando conceitos que mais tarde se tornariam doutrinas básicas do movimento pentecostal: conversão pessoal e santificação (herdadas do Metodismo), pre-milenismo (herdado dos movimentos avivalistas) e o batismo com o Espírito Santo por meio do falar em línguas estranhas (ARAÚJO, 2007, p.541-543).

Foi um dos alunos da Escola Bíblica de Parham, William Seymour, o responsável pela explosão do movimento para além do espaço regional em Texas (CAMPOS, 2005). Tendo sua cadeira colocada no corredor da sala de aula, por ser negro, Seymour foi alimentado pela teologia aprendida em Kansas e, ao sair de lá, funda uma pequena comunidade em Los Angeles, em 1906, transformada no movimento conhecido como Azuza Street Mission do Movimento da Fé Apostólica.

A Missão da Rua Azuza ficou marcada pelos cultos que enfatizavam a oralidade na liturgia, apresentação de testemunhos, espaço à emoção expressa na inclusão de êxtase, sonhos e visões, expressão corporal própria das igrejas negras, além do falar em línguas estranhas e manifestações de cura divina. Esta experiência recebeu duras críticas de igrejas e da mídia (como a acusação de heresia e práticas vodus) mas recebeu também apoios, adesões, a ponto de se dirigirem à Azuza Street caravanas de cristãos, negros, brancos, desejosos de uma experiência com o Espírito Santo.

Destas práticas é que este movimento fica marcado pela derrubada de barreiras experimentadas pelas igrejas chamadas tradicionais: a barreira racial, com a inclusão de brancos e negros no mesmo espaço eclesial; a barreira social, com o acolhimento de imigrantes e pessoas empobrecidas que não encontravam espaço de plena participação nas igrejas tradicionais; e a barreira de gênero, com o desenvolvimento do espaço para liderança das mulheres.

seria criticado mais tarde por seus seguidores, que afirmariam a vontade humana e a liberdade das ações humanas para responder ao convite à conversão. Nas reuniões avivalistas – com base nas experiências de “acampamentos” (retiros espirituais de vários dias) com pregações, cânticos e orações – ganham espaço diversas manifestações emocionais (choros, desmaios), que foram condenadas por muitos líderes, levando-os a abandonar o movimento. Os *movimentos de avivamento* geraram um significativo crescimento do número de membros nas igrejas, despertando também o entusiasmo missionário que vai dar força à consolidação do movimento missionário protestante. (VELASQUES FILHO, 1990).

Dois anos depois da irrupção do movimento em Los Angeles, o movimento pentecostal estava espalhado por todos os Estados Unidos, em muitos países do norte da Europa, na Índia, na China e na África, por meio de muitas formas eclesiais. Nos anos seguintes, o movimento pentecostal chegou à América Latina, em especial no Chile e no Brasil, e novas missões foram estabelecidas na África e na Ásia. Essas missões foram estabelecidas a partir das diferentes tendências que emergiram depois da experiência da Azusa Street, com força maior desenvolvida pelas então formadas igrejas pentecostais “brancas”.

É desse movimento, portanto, que emerge então um princípio, uma confissão de fé, uma teologia: o Pentecostalismo. Neste princípio teológico e de fé afirma-se a necessidade de confirmação da presença de Deus na vida do fiel por meio de um trabalho do Espírito Santo de pós-conversão: o batismo no Espírito, entendido como revestimento de poder para a missão e o ministério, e que representa a restauração dos dons espirituais elencados, principalmente, em 1Co 12.8-10. A partir desta lista de dons, o de falar em línguas ganha um significado especial para o princípio do movimento pentecostal, como a evidência do batismo no Espírito Santo, à luz da experiência relatada em Atos, capítulo 2. Por isso ela é denominada “pentecostal” – porque no batismo no Espírito, cada crente alcança a experiência de um Pentecostes, de forma pessoal com Deus, restaurando os dons que Ele quer que a Igreja tenha, uma vez perdidos com o esfriamento espiritual da fé tradicional. É uma experiência de renovação, como uma “chuva tardia” (conforme William Seymour), um derramamento do Espírito Santo nos últimos dias antes da parusia. Por isso, o movimento pentecostal é interpretado como evangelho pleno, que completa a restauração do evangelho estabelecido pela Reforma e levado adiante pela santificação wesleyana (LOSSKY, 2005, p. 897-898).

É possível afirmar, portanto, que o movimento pentecostal gera uma nova forma teológica desenvolvida e disseminada por meio de diferentes experiências eclesiais: o Pentecostalismo. E como é movimento, estão implícitas nele características como diversidade de expressões, dinamismo e permanente transformação.

A partir da constatação desta diversidade, é possível olhar o presente e identificar que as diferentes formas presentes nos movimentos pentecostais constituem o segmento do Cristianismo que cresce mais rapidamente. Na América Latina, por exemplo, o número de católicos que deixaram a Igreja Católica Romana para aderirem a igrejas pentecostais é bem maior do que o número de católicos europeus que aderiram às igrejas protestantes durante o período da Reforma. O Cristianismo já superou o Islamismo como a maior religião na África, e isto tem sido atribuído, em parte, ao crescimento explosi-

vo dos pentecostais naquele continente. Uma estimativa é que os pentecostais são de 20 a 25% dos cristãos do mundo e são vistos como a “expressão *de facto* do cristianismo do sul global”.³

Ecumenismo e Pentecostalismo: princípios comuns

Estabelecida a conceituação das noções de movimento e princípio que envolvem nossa discussão, atenhamo-nos às aproximações entre os princípios do Pentecostalismo e Ecumenismo.

Não são poucos os estudiosos do Pentecostalismo que identificam uma dimensão ecumênica na origem do movimento na Rua Azuza. O avivamento experimentado em Los Angeles era marcado pela quebra de barreiras: de 1906 a 1908, a Street Azuza Mission reuniu pessoas de diferentes cores, grupos étnicos, culturas e nacionalidades, juntas em celebração cúltica. Um participante testemunhou que ali “a divisão de cor foi lavada no sangue” (YOUNG, 2001).

Seymour estava atento à questão da unidade que a experiência com o Espírito Santo promovia. Falar de Pentecostes era falar de unidade, de pessoas que se encontravam e se entendiam. Ele acreditava que a unidade da Igreja depende de decisões e de ações de indivíduos dentro das fronteiras corporativas da Igreja. Seymour pregava que esta experiência individual com o Espírito, somado à unidade doutrinal (importante que ele fizesse uso da palavra unidade e não de “uniformidade”), é que dão base à “unidade cristã corporativa”. Somente tal transformação de indivíduos pela força do Espírito, e consequentemente da Igreja, com uma concomitante renovação da energia e do poder para as tarefas que ela tem a desempenhar (cuidar dos doentes, ajudar os pobres e perseguir a paz), poderia fazer cumprir a promessa da “chuva tardia” do Espírito de Deus sobre toda a humanidade e que transformaria todos em “co-trabalhadores com o Espírito Santo”.⁴

Desta forma é possível afirmar que os primeiros pentecostais tinham uma compreensão do significado ecumênico da experiência pentecostal com o Espírito. Nestes termos, o princípio do Pentecostalismo estava em sintonia com o princípio do Ecumenismo. Esta foi a razão pela qual estes primeiros

³ Cf. Roman Catholics and Pentecostals in Dialogue. **The Ecumenical Review**, Genebra, v. 51, n. 2, abr. 1999 (apud JOHNSON, 2011); Pew Forum on Religion & Public Life (2006).

⁴ Cf. conteúdos dos sermões de William Seymour “The Holy Spirit: Bishop of the Church”, “The Way into the Holies”, “Receive Ye the Holy Ghost”, “Sanctified on the Cross”, “The Baptism of the Holy Ghost”, “The Holy Ghost and the Bride”, publicados em diferentes exemplares do periódico, da Azuza Street Mission, **Apostolic Faith**, de 1906 a 1908 (apud BUNDY, 1999).

grupos viam sua experiência como de renovação e se autodenominavam “movimento” ou “missão” e não se identificavam como denominações. Estas eram compreendidas como “mortas”, “frias”, organizações sem-vida, ao contrário dos novos grupos que traziam em si expressões mais dinâmicas e que favoreciam a direção e o fervor do Espírito. “Inevitavelmente, porém, os processos de institucionalização estabelecidos, tornaram grupos como as Assembléias de Deus praticamente indistintos de igrejas estabelecidas e denominações tradicionais em termos de estrutura organizacional” (YOUNG, 2001).⁵

Pentecostais no movimento ecumênico: barreiras

Dadas as bases para uma aproximação Pentecostalismo-Ecumenismo, importa agora compreender onde residiram e residem as dificuldades para uma integração movimento pentecostal-movimento ecumênico e identificar na história as iniciativas pentecostais para essa aproximação que, nas últimas décadas, vêm experimentando um crescente.

Fato é que a experiência da Rua Azuza não durou muito tempo. Nas palavras do teólogo pentecostal Amos Young (2001),

[...] as divisões acabaram prevalecendo e brancos e negros fundaram suas próprias denominações diante das pressões sociopolíticas e econômicas em poder naquele tempo. Pentecostais brancos foram na direção dos seus irmãos yankees (leia-se, fundamentalistas e, mais tarde, evangélicos), forjando alianças que têm, mais recentemente, levado pentecostais a perguntar o que aconteceu com o fervor pentecostal [...]. Os pentecostais negros continuaram a enfatizar o grito, a dança, o balanço, as palmas, e muitas outras formas eletrizantes do avivamento da Rua Azuza. Esta divisão de caminhos significa, de alguma forma, as distinções socioeconômicas entre brancos e negros neste País. [...] Só se pode lamentar o fato de que ao invés de serem pacificadores por reconciliação, os pentecostais têm sido lentos em expressarem em ações os impulsos inerentes de sua experiência ecumênica original.⁶

Um dado importante é que o “boom” do movimento pentecostal deslocou-se dos Estados Unidos, onde se originou, para a América Latina, a África e a Ásia. Muitos estudiosos deste fenômeno, de dentro do Pentecostalismo mesmo, antes de aderirem a um triunfalismo em relação a este incrível crescimento, resultante do fato de que pessoas realmente abraçam a mensagem pentecostal a partir de sua experiência com o Espírito Santo, reconhecem dificuldades associadas a esta tendência (YOUNG, 2001).

⁵ Tradução livre da autora.

⁶ Tradução livre da autora.

Uma das dificuldades mais marcantes é que pentecostais têm contribuído fortemente para cismas e divisões dentro do próprio movimento e no seu relacionamento com outras expressões do Protestantismo. Disputas teológicas e tensões em torno do poder e do controle de comunidades da parte de lideranças têm inspirado muitos desses cismas entre os pentecostais. Nesse aspecto, a aproximação Ecumenismo-Pentecostalismo ficou bastante comprometida.

Outro fato que marca o fechamento de pentecostais ao Ecumenismo foi o estabelecimento de uma perspectiva exclusivista no movimento pentecostal. Algumas explicações para esse exclusivismo são oferecidas pelos próprios pentecostais, como relata Dafne Sabanes de Plou (2002, p. 90):

A perseguição religiosa e eclesiástica por parte das igrejas já instituídas, tanto protestantes quanto o catolicismo romano; o medo do desencaminhamento daquilo que os pentecostais consideravam a santa doutrina; o zelo espiritual no bíblico; a falta de preparação teológica e fatores socioeconômicos, visto que o movimento cresceu e se desenvolveu entre os trabalhadores, pobres e com pouca instrução formal, sendo seus líderes subestimados por sua pouca preparação teológica e por não ter estudos completos.

Havia também uma compreensão exclusivista em relação à experiência com o Espírito Santo desenvolvida por muitas lideranças, que assumiram, ao longo dos tempos, posturas de desqualificação da espiritualidade e da prática de outras expressões de fé. Esta atitude terminou por gerar reações negativas da parte de igrejas tradicionais, além da suspeita e da desconfiança que já manifestavam em relação ao movimento pentecostal, resultando na estereotipagem de pentecostais como fundamentalistas e sectários (a expressão seita passou a ser bastante utilizada como sinônimo de Pentecostalismo). O teólogo Cecil Robeck Júnior (2009), da Assembleia de Deus, escreve:

Os primeiros missionários pentecostais eram um grupo irritante. Eles não tinham disposição de ouvir quem quer que fosse que não partilhasse da experiência que eles chamavam “batismo no Espírito”. Eles publicamente criticavam aqueles que discordassem deles, inclusive missionários veteranos. Eles não viam qualquer necessidade para a formação teológica mais avançada, ou cursos de imersão cultural, ou mesmo a necessidade do estudo de línguas. Eles ignoravam muito da sabedoria missionária moderna, clamando ao invés disso, que eles estavam sendo guiados pelo Espírito Santo num diferente e poderoso caminho que não se apoiaria em mera sabedoria humana. Eles praticavam o proselitismo abertamente. E fizeram apelos bizarros! Não foi surpresa que, quando eles

fizeram sua aparição em vários campos missionários, tenham sido criticados e ridicularizados [...]. Não é surpresa imaginar, então, que eles não tenham sido convidados para participar [na Conferência de Edimburgo].⁷

O resultado deste processo, que combina autoisolamento com exclusão, é que a grande maioria das igrejas pentecostais, nos diferentes continentes, optou por não participar de organizações identificadas como “ecumênicas”. Pentecostais, durante boa parte do século XX, construíram identidade mais estreita com o movimento evangélico e se associaram a organizações evangélicas.

Pentecostais no movimento ecumênico: aberturas

No entanto, as origens do Pentecostalismo e sua aproximação com os movimentos por unidade cristã serviram de fonte para várias experiências ecumênicas. Primeiramente entre os próprios ramos do movimento pentecostal. Em janeiro de 1921, foi realizada em Amsterdã a primeira Conferência Internacional Pentecostal, considerado um encontro difícil por conta das feridas, ainda abertas, da Primeira Guerra Mundial. Os desdobramentos deste encontro se concretizam em reuniões regionais até que em 1947 foi realizada a primeira Conferência Pentecostal Mundial, de 4 a 9 de maio, em Zurich (Suíça) com a participação de delegados de todo o mundo. Na ocasião, foi criado o periódico *Pentecost*, do qual o pastor da Assembleia de Deus da Grã-Bretanha Donald Gee foi nomeado editor. No ano seguinte, Gee participou como observador da Assembleia de fundação do Conselho Mundial de Igrejas, em Amsterdã, tendo produzido um editorial para *Pentecost* com uma referência positiva a Karl Barth. O relato foi condenado por lideranças antiecumênicas da Assembleia de Deus dos EUA. Donald Gee (*apud* BUNDY, 1999) argumentou que “as igrejas pentecostais tinham que aprender a comunicar sua perspectiva ao mundo moderno; ninguém pode permanecer isolado e esperar ganhar convertidos à vida do Espírito”⁸.

Donald Gee participou da 2ª Assembleia do CMI, em 1954, em Evanston (EUA), como jornalista, acompanhado de J. Roswell Flower, observador enviado pelas Assembleias de Deus. Gee também participou da 3ª Assembleia do CMI, em Nova Déli (Índia), em 1961, dessa vez representando a Conferência Pentecostal Mundial. Estas participações aconteciam não sem protestos da parte de lideranças pentecostais que viam isto como compromisso assumido. Gee (*apud* BUNDY, 1999) argumentava: “Estes não são dias de compromisso, mas eles são dias de profunda busca de coração... O

⁷ Tradução livre da autora.

⁸ Tradução livre da autora.

Espírito de Cristo vai nos guiar para examinar muito cuidadosamente estas coisas que nos separam de nossos irmãos Cristãos”.⁹

Vale observar que J. Roswell Flower tinha sido o líder das Assembleias de Deus dos EUA responsável por criar um laço com os conservadores evangélicos e inseri-las na Associação Nacional de Evangélicos. David Bundy (1999) afirma que

[...] foi a ascensão de Thomas Zimmerman como Superintendente Geral da denominação que colocou as Assembléias de Deus na órbita fundamentalista com sua antipatia radical pelo Conselho Mundial de Igrejas. Zimmerman trabalhou para as Assembléias de Deus mudarem seu credo pela única vez na história, para incorporar elementos fundamentalistas. A mudança de perspectiva de J. Roswell Flower, que participou no encontro de Evanston (1954) do Conselho Mundial de Igrejas e ficou impressionado com o que viu, foi muito tardia para mudar a direção das Assembléias de Deus.¹⁰

É neste contexto que surge um dos mais destacados pentecostais ecumênicos, o sul-africano David du Plessis. Tendo migrado para os EUA, atuou como secretário-geral da Missão da Fé Apostólica e diretor da Escola Bíblica e se tornou mais tarde pastor da Assembleia de Deus. Participou da organização da Conferência Mundial em Zurique, por conta da sua amizade com Donald Gee, da qual foi eleito secretário, atuando até 1958. Participou das Assembleias do Conselho Mundial de Igrejas, a convite de líderes ecumênicos, como parte do staff e foi palestrante em várias igrejas e seminários teológicos tradicionais, expondo os princípios da fé pentecostal na relação com o Cristianismo. Du Plessis foi observador no Concílio Vaticano II e pioneiro no grupo que iniciou o Diálogo Católico-Pentecostal. Por conta disto, Thomas Zimmerman conseguiu que ele fosse destituído da função de pastor das Assembleias de Deus, em 1962. Ele prosseguiu como pastor por conta de sua ordenação na Missão da Fé Apostólica. Em 1980, suas credenciais como ministro da Assembleia de Deus foram restituídas (BUNDY, 1999). Seu livro, *The Spirit Bade Me Go [O Espírito me disse que fosse] destaca o papel que ele cria que o Espírito Santo teve em compeli-lo a iniciar seus esforços de relacionamento, apesar de sua atitude prévia de confronto com igrejas protestantes que tinham rejeitado ou desprezado suas experiências pentecostais* (JOHNSON, 2011).

⁹ Tradução livre da autora.

¹⁰ Tradução livre da autora.

Nome que merece ainda ser destacado como parte desta história é Walter Hollenweger, que serviu, de 1965 a 1971, como primeiro secretário para evangelismo da Divisão de Missão Mundial e Evangelismo do CMI (nova forma do Conselho Missionário Internacional que na Assembleia de Nova Déli integrou-se ao organismo). Hollenweger era um pastor da Missão Pentecostal Suíça, que sensibilizado pela causa ecumênica, dedicou-se a “interpretar os ‘ecumênicos’ e os pentecostais uns para os outros” (JOHNSON, 2011).

Foi na 7ª Assembleia do CMI, em Canberra/Austrália, que foram mais fortemente explicitadas a importância e a necessidade de o organismo entrar num processo mais sistemático de diálogo e colaboração com as igrejas não membros, em especial as pentecostais, as evangélicas e as independentes. Portanto, apesar de as primeiras igrejas pentecostais terem se associado ao CMI em 1961, foi somente trinta anos depois, em Canberra, que as igrejas-membros passaram a valorizar uma aproximação mais forte com o movimento pentecostal. Isso foi resultado do reconhecimento do fato de o Pentecostalismo ser uma expressão mais popular do Protestantismo que está impondo novos desafios eclesiológicos e pastorais ao movimento ecumênico (PALMA, 1994).

Consultas e reuniões passaram a ser realizadas em diferentes continentes pelo CMI. Destes esforços nasceu, na 8ª Assembleia, em Harare (Zimbábue) o Grupo Consultivo entre o CMI e Pentecostais, que atuou entre 2000 e 2005. O resultado positivo apresentado na 9ª Assembleia do CMI (Porto Alegre, Brasil), levou à continuidade do grupo formado por 17 pessoas entre as igrejas-membros do CMI e representantes de igrejas pentecostais. O grupo continua o diálogo teológico sobre a natureza da Igreja, e tem realizado, desde 2007, encontros para estudo sobre as marcas da Igreja – Una, Santa, Católica e Apostólica (PENTECOSTAL-CHARISMATIC..., 2011). Teólogos pentecostais têm sido reconhecidos neste processo e convidados como palestrantes não somente nas reuniões do Grupo Consultivo mas em eventos diversos do CMI.

O processo está em curso, mas é avaliado como lento pelas duas partes. Importa registrar ainda que a hesitação sobre o envolvimento Pentecostal com o CMI não está apenas no lado pentecostal. Há reservas da parte de igrejas europeias e norte-americanas tradicionais bem como de igrejas ortodoxas, que temem a possibilidade de centenas de igrejas pentecostais independentes dominarem o organismo e/ou comprometerem as perspectivas teológicas enfatizadas.

Em meio a essas tensões ainda presentes, as lideranças do CMI têm continuado a incentivar a aproximação mais estreita e lideranças pentecostais têm respondido positivamente. O relatório do Moderador do Comitê Central

do CMI, o brasileiro luterano Walter Altmann (2011), apresentado na reunião do comitê realizada em fevereiro de 2011 revela isto:

[...] no ano de 2010, o Secretário Geral do CMI, Olav Fykse Tveit, foi convidado a dirigir saudações oficiais aos importantes eventos globais da 22.a Conferência Pentecostal Mundial, em Estocolmo, Suécia, e na Conferência de Lausanne III, na Cidade do Cabo, África do Sul. Ambos os fatos ocorreram pela primeira vez, atestando com grande visibilidade novas possibilidades de relacionamento respeitoso e fraterno, num processo de superações de relacionamentos distanciados quando não conflituosos no passado não tão distante. É claro, há muitas questões de fundo ainda não resolvidas, mas as caricaturas e as simplificações são crescentemente postas de lado. Onde antes havia barreiras, hoje se abrem janelas e, por vezes, portas.

Esses novos relacionamentos são desenvolvidos à base do respeito e da sensibilidade mútuas, elementos indispensáveis no processo de construção da confiança, sobre a qual o diálogo poderá se desenvolver de forma construtiva. Os encontros respeitosos deverão ser seguidos pelo aprofundamento de nossas relações, que precisa ocorrer à base do discernimento espiritual e da reflexão teológica, também em relação àquelas questões, candentes muitas, em que temos percepções e posicionamentos divergentes. Caso contrário, estaríamos patrocinando um esvaziamento daquilo que é mais profundo no compromisso ecumênico. Teríamos dissolução paulatina do compromisso ecumênico, diminuição de sua substância, recolhimento ao mundo interno de cada igreja ou família confessional em tudo quanto é substancial, enfim, uma redução do ecumenismo a uma política de boa vizinhança.

Pentecostais em diálogo: entre si e com outras igrejas

Podemos afirmar que a relação movimento pentecostal-movimento ecumênico é uma realidade e é importante destacar que ela vai além do CMI; se dá também em outras frentes, via diálogo interno, por meio das associações de pentecostais, e também por meio de diálogos bilaterais.

Desde 1947, quando aconteceu a primeira Conferência Pentecostal Mundial (CPM), líderes pentecostais passaram a se reunir em conferências mundiais pentecostais e um conselho tem discutido temas de interesse e preocupação mútuos. Em 2004, a CPM assumiu formalmente o nome Fraternidade Pentecostal Mundial, e se tornou membro do CMI. Mais recentemente, associações pentecostais, federações ou conselhos têm surgido em diferentes contextos nacionais e regionais. Acadêmicos pentecostais têm trabalhado para construir um organismo de teologia pentecostal.

Quanto aos diálogos bilaterais, o Reformado-Pentecostal foi promovido pela Associação Mundial de Igrejas Reformadas e algumas Igrejas e Líderes Pentecostais Clássicos de vários continentes no período de 1996 a 2000, com o documento publicado sob o título *Word and Spirit, Church and World* [Palavra e Espírito, Igreja e Mundo]. O diálogo católico romano-pentecostal é promovido pelo Pontifício Secretariado para a Unidade Cristã do Vaticano e algumas Igrejas e Líderes Pentecostais Clássicos de vários continentes há 35 anos (desde 1972), e já alcançou cinco fases. As duas primeiras fases tiveram relatórios produzidos em 1977 e 1984. O relatório da terceira, 1990, foi intitulado *Perspectives on Koinonia* [Perspectivas sobre Koinonia], e o da quarta fase, 1997, *Evangelization, Proselytism and Common Witness* [Evangeliização, Proselitismo e Testemunho Comum]. O relatório da quinta fase foi produzido em 2006 sob o título *On becoming a Christian: insights from Scripture and the Patristic Writings with some contemporary reflections* [Sobre tornar-se um cristão: insights das Escrituras e dos escritos patrísticos com algumas reflexões contemporâneas].

Outra expressão recente que tem aberto espaço para a inserção dos pentecostais no movimento ecumênico é o Fórum Cristão Global (FÓRUM..., 2011). Um ambiente aberto para o diálogo ecumênico entre igrejas e grupos cristãos das mais diferentes tradições e tendências teológicas, que não promove o compromisso de associação. O próprio CMI é parte do Fórum, bem como a Aliança Evangélica e outros grupos identificados com os movimentos evangelical e pentecostal. Duas conferências do Fórum Cristão Global foram realizadas, com significativa presença pentecostal de vários países.

Estas expressões da presença pentecostal no movimento ecumênico carecem de ser recuperadas e estudadas com mais amplitude. É certo que esforços vêm sendo empreendidos por estudiosos pentecostais, aqui mesmo referenciados neste trabalho, mas, pelo fato de serem oriundos dos Estados Unidos, especialmente, os resultados somente são encontrados em textos na língua inglesa e pouca ou quase nenhuma produção sobre o tema é encontrada em espanhol ou português.

O testemunho ecumênico de pentecostais da América Latina

Foram duas igrejas latino-americanas as primeiras pentecostais a se tornarem membros do Conselho Mundial de Igrejas: a Iglesia Pentecostal de Chile e a Misión Iglesia Pentecostal (também do Chile), em 1961, curiosamente, as primeiras expressões pentecostais na América Latina. Em 1969, foi a Igreja O Brasil para Cristo que se juntou ao CMI (tendo se desligado nos anos de 1990). Depois se tornaram membros a Iglesia de Dios (Argentina), a Iglesia Cristiana Bíblica e a Iglesia de Misiones Pentecostales de Chile.

Os processos mais significativos de pentecostais em direção ao movimento ecumênico acontecem na América Latina. 25% dos participantes da Assembleia que decidiu pela fundação do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), em 1978, no México, eram representantes pentecostais. Na segunda Assembleia do Clai, no Brasil, em 1988, 30% das igrejas recebidas como novos membros eram da tradição pentecostal. Este número é ampliado a cada Assembleia do Clai. O primeiro vice-presidente do Clai foi o bispo da Iglesia de Dios Argentina Gabriel Vaccaro. Vale mencionar a presença de pentecostais latino-americanos no staff do CMI e do Clai. (SABANES DE PLOU, 2002, p. 90).

Em relação às iniciativas de diálogo entre os próprios pentecostais no continente, um primeiro encontro latino-americano pentecostal, que reuniu líderes de vários países, aconteceu em 1971 em Buenos Aires. Em 1978, na Assembleia da União Evangélica Latino-Americana (Oaxtepec/México), lideranças pentecostais estavam representadas, momento que deu origem ao Conselho Latino-Americano, fundado em 1982. Em 1988, uma consulta pentecostal latino-americana convocada pelo CMI, em Salvador/Brasil, levou a outro encontro no ano seguinte em Buenos Aires, e outro em 1990, em Santiago, quando se decidiu pela fundação da Comissão Pentecostal Latino-Americana (Cepla) com o propósito de dar continuidade ao diálogo, à cooperação, à reflexão e à solidariedade entre os pentecostais do continente. A comissão tem 75 igrejas-membros e ela própria é membro do CMI e do Clai. Vários encontros, consultas e conferências têm sido realizados desde a fundação, em nível nacional e regional, alguns em cooperação com o CMI e o Clai. Privilegia-se estudos em torno das raízes da fé pentecostal, formação ministerial, a experiência de unidade do Espírito (“ecumenismo do Espírito”), o impacto da mídia religiosa, entre outros temas. Merecem destaque três encontros de mulheres pentecostais (1992, 1995 e 2002). A Cepla também participa com o Clai no Diálogo Católico-Pentecostal na América Latina e no processo internacional de diálogo entre o CMI e os pentecostais.

A partir de um encontro de bispos e presidentes de igrejas pentecostais, realizado pela Cepla em 2001, foi aprovada a proposta de criação de um Conselho de Igrejas Pentecostais da América Latina e do Caribe para contribuir com o enriquecimento da identidade pentecostal e sua contribuição com o movimento ecumênico e a missão da Igreja no mundo. Enquanto ainda se estuda a formação desse conselho, a Cepla continua suas atividades, sendo uma delas a criação de um centro pentecostal de estudo e formação. O organismo pretende ampliar suas atividades em duas áreas: o papel e o envolvimento das mulheres na Igreja e na sociedade e a renovação litúrgica.

Fruto da Cepla é a Rede Latinoamericana de Estudos Pentecostais (Relep) (REDE..., 2011), fundada em 1999 por teólogos pentecostais, para ser um espaço de produção teológica pentecostal em diálogo interdisciplinar com todas as ciências.

As igrejas do Brasil destoam desta tendência. Nenhuma Igreja pentecostal brasileira é membro do CMI ou do Clai. A exceção da iniciativa da Igreja O Brasil para Cristo nos anos de 1960, muito por conta da sensibilidade ecumênica do seu líder, Manoel de Melo, processo logo interrompido após a sua morte nos anos de 1990, não é possível identificar um processo de abertura ecumênica pentecostal no Brasil. Existem expressões isoladas de pessoas sensíveis, que não passam deste nível individual. Uma pequena abertura pode ser identificada no fato de cinco igrejas terem se tornado membros da Cepla: a Assembleia de Deus (Ministério Madureira), a Comunidade da Graça, a Igreja Brasil para Cristo, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Assembleia de Deus Nipo-Brasileira.

Uma possível explicação formulada por alguns estudiosos é o caso de as igrejas pentecostais no Brasil terem sido originadas de missões identificadas com o “pentecostalismo branco”, resultante de divisões no movimento pentecostal originário na Rua Azusa. Os pioneiros Louis Francescon, Daniel Berger e Gunnar Vingren eram do círculo de seguidores do dissidente William Durham, corrente que mais tarde se integrou ao fundamentalismo norte-americano (CAMPOS, 2005, p. 112). Há reações contrárias a esta explicação da parte de pentecostais brasileiros que alegam que a não adesão ao movimento ecumênico é fruto da exclusão e da discriminação que estes grupos sofreram (e sofrem) da parte das igrejas tradicionais, protestantes e católica romana, formadoras do movimento. Estas posições divergentes só reforçam o fato de que há que se produzir mais estudos sobre esta questão que se configura crucial para o Ecumenismo no Brasil.

Como esta história continua? O que existe de relacionamento vai se fortalecer e amplificar para novas experiências e formas? Os brasileiros terão uma jornada diferente do que se viu até aqui? Não é possível fazer previsões. Primeiro por se reconhecer que não se pode falar de Pentecostalismo nem de Ecumenismo como algo monolítico, homogêneo. Esta heterogeneidade do universo pentecostal é parte da diversidade do movimento mas também traz controvérsias e alimenta históricas divisões.

Por exemplo, originado da premissa fundamental dos dons do Espírito Santo e do seu poder sobre a Igreja, o Pentecostalismo, em tempos recentes, tem sido transformado pela presença de algumas igrejas identificadas como pentecostais que dão mais ênfase à teologia da prosperidade, a que proclama que a bênção de Deus na vida dos fiéis está concretizada em realizações

materiais que incluem posse de bens, de saúde e felicidade na vida familiar.¹¹ Por meio desta teologia, algumas das novas igrejas têm captado membros, inclusive de igrejas pentecostais classificadas como históricas – cuja doutrina e teologia são vinculadas às raízes originais do Pentecostalismo. Um número de igrejas pentecostais formadas na passagem do século XX para o século XXI tem também se identificado como “Apostólicas”, igrejas que se baseiam no “resgate” do ministério apostólico do Novo Testamento, cujos líderes são identificados como Apóstolos.¹² Este processo tem causado mal estar e controvérsias entre os próprios pentecostais e entre as igrejas protestantes tradicionais e a Igreja Católica Romana.

Segundo, é preciso reconhecer também que há uma tendência mundial e latino-americana de ampliação da relação Pentecostalismo-Ecumenismo, movimento pentecostal-movimento ecumênico. O que talvez seja mais certo dizer é que todo movimento pentecostal em direção ao Ecumenismo apela para as raízes que lhe são próprias: a quebra de barreiras e a ação do Espírito, que sopra onde quer e gera entendimento. Algumas lideranças pregam a compreensão da experiência que se vem vivendo como um “Ecumenismo do Espírito”:

O ecumênico no pentecostalismo está permeado por esse “ecumenismo do Espírito” em que o conceito de unidade é reflexo fiel da Unidade do Espírito que envolve toda a criação de Deus, sua mordomia e integridade, e surge da experiência mesma e autêntica do Espírito Santo. Segundo Gamaliel Lugo, pentecostal venezuelano, “o Espírito Santo é o princípio integrador que sopra, se move e dá coerência a toda a tarefa evangelizadora, profética e sanadora da Igreja”. [...] A principal contribuição do movimento pentecostal é recordar que o mais ecumênico é o Espírito. Desta forma, eles consideram que uma tarefa e um desafio para se alcançar a unidade pentecostal é ampliar os círculos de participação das igrejas pentecostais no “ecumenismo do Espírito”. (ORTEGA, 2011).¹³

Talvez seja este o “fiel da balança” em todo este histórico: a fidelidade ao princípio que permanece em jogo.

¹¹ Alguns estudiosos da religião classificam este segmento dentro do pentecostalismo como “neopentecostalismo”. A obra clássica do sociólogo brasileiro Ricardo Mariano (1999), *Neo-pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, trata deste assunto.

¹² As Igrejas Apostólicas estão presentes em todo o mundo. No Brasil existe uma associação destas igrejas denominada Confederação das Igrejas Evangélicas Apostólicas no Brasil. (CONFEDERAÇÃO..., 2011).

¹³ Tradução livre da autora.

Referências

- ALTMANN, Walter. **Alocução do Moderador**. Conselho Mundial de Igrejas, Comitê Central, Genebra, 16-22 fev. 2011. Disponível em: <http://www.oikoumene.org/en/events-sections/central-committee-2011/documents.html?no_cache=1&cid=35651&did=22882&sechash=b7174cc2>. Acesso em: 25 mar 2011.
- ARAÚJO, Isael de. Charles Paham. In: _____. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- _____. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BUNDY, David. The ecumenical quest of Pentecostalism. **Cyberjournal for Pentecostal-Charismatic research**, n. 5, fev. 1999. Disponível em: <<http://www.pctii.org/cyberj/cyberj5/bundy.html>>. Acesso em: 28 mar 2011.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 110-115, set./nov. 2005.
- CONFEDERAÇÃO das Igrejas Evangélicas Apostólicas no Brasil. Disponível em: <<http://www.cieab.com.br/index.html>>. Acesso em: 28 mar 2011.
- CONSELHO Mundial de Igrejas. Página Eletrônica. Disponível em <<http://www.oikoumene.org>>. Acesso em: 25 mar 2011.
- CUNHA, Magali do Nascimento. Festa e Revisão de Caminhos em pauta. A propósito dos 100 anos do movimento ecumênico. *Tempo e Presença Digital*, n. 19, mar. 2010a. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=361&cod_boletim=20&tipo=Artigo>. Acesso em: 28 mar 2011.
- _____. Navegando pelas águas do movimento ecumênico. *Águas Instáveis*, barco firme. Simpósio, São Paulo, n. 49, p. 5-11, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.aste.org.br/simposio/simp49.pdf>>. Acesso em: 28 mar 2011.
- _____. Religião e Paz. Contribuições do movimento ecumênico à superação da violência e da construção da paz com justiça. In: **SOTER**. *Religiões e Paz Mundial*. São Paulo: Paulinas/Soter, 2010b. p. 7-34.
- ELDERN, Marlin van. **Introducing the World Council of Churches**. Genebra: WCC, 1992. (Risk Book).
- FÓRUM Cristão Global. Disponível em: <<http://www.globalchristianforum.org/>>. Acesso em: 25 mar 2011.
- JOHNSON, Nate. Wind, Fire and Unity: Pentecostals and Ecumenical Dialogue. *The Review of Faith and International Affairs*. Disponível em: <<https://rfaonline.org/extras/articles/562-pentecostals-ecumenical-dialogue>>. Acesso em: 30 mar 2011.
- LOSSKY, Nicholas . Pentecostais. In: _____ et al. (Ed.). **Dicionário do Movimento Ecumênico**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. et al. (Ed.). **Dicionário do Movimento Ecumênico**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MARIANO, Ricardo. **Neo-pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

ORTEGA, Ofelia. **The Liturgies**: Ecumenismo of the Spirit. Disponível em: <<http://www.pctii.org/wcc/ortega94.html>>. Acesso em: 30 mar 2011.

PALMA, Marta. **Introdução à Consulta do Conselho Mundial de Igrejas com Igrejas Pentecostais**. Lima, 14-19 nov. 1994. Disponível em: <<http://www.pctii.org/wcc/intro94.html>>. Acesso em: 30 mar 2011.

PENTECOSTAL-CHARISMATIC Theological Inquiry International. Disponível em: <<http://www.pctii.org/wcc>>. Acesso em: 30 mar 2011.

PEW Forum on Religion & Public Life. Spirit and Power: A 10 Country Survey of Pentecostals. 2006. Disponível em: <<http://pewforum.org/surveys/pentecostal/>>. Acesso em: 25 mar 2011.

ROBECK JÚNIOR, Cecil M. Cooperation and promotion of unity: a Pentecostal perspective. In: KERR, D. A.; ROSS, K. (Ed.). **Edinburgh 2010**: Mission Then and Now. Oxford: Regnum Press, 2009. p. 8-28.

SABANES DE PLOU, Dafne. **Caminhos de Unidade**. Itinerário do Diálogo Ecumênico na América Latina. São Leopoldo: Sinodal; Quito: Clai, 2002.

SANTA ANA, Julio. **Ecumenismo e Libertação**: reflexão sobre a relação entre unidade cristã e o Reino de Deus. Petrópolis: Vozes, 1987.

VELASQUES FILHO, P. Deus como emoção: origens históricas e teológicas do Protestantismo evangélico. In: MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola; São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1990. p. 83-92.

YOUNG, Amos. Pentecostalism and Ecumenism: Past, Present, and Future. **The Pneuma Review**, Summer 2001. Disponível em: <http://www.pneumafoundation.org/article.jsp?article=article_ecum3.xml>. Acesso em: 30 mar 2011.